

Geopolítica da Fome

Lições sobre a desnutrição no Brasil, suas causas e conseqüências

Patricio Barbini*

Resumo

um relatório publicado semanas atrás dava conta de que dentro de 50 anos o Brasil seria uma das principais potências mundiais. Paralelamente, os jornais brasileiros informavam sobre sérios problemas de fome e desnutrição em suas populações indígenas do Sul. O que mais chama atenção é que estas aldeias expostas à desnutrição estão rodeadas por um pólo agropecuário em constante crescimento. Muitos outros países da América Latina estão seguindo o mesmo caminho. Ao mesmo tempo que aumentam suas colheitas, crescem os índices de fome e pobreza.

Palavras-chave: Desnutrição, Brasil, PObreza

Abstract

Recently an international paper showed that in fifth years Brazil will be one of the main global powers. Some weeks latter the newspapers of that country informed about serious problems of malnutrition in their southern indigenous population of Mato Grosso. Those towns are paradoxically surrounded by very rich agricultural lands that are increasing their production every day. Many Latin American countries are following these steps, as they are increasing their agricultural records, they increase also their poverty and malnutrition index.

Key words: Malnutrition, Brazil, Poverty.

* Patricio Barbini. Licenciado em Ciência Política (Universidad de Buenos Aires). Mestre em Defesa Nacional (Escuela de Defensa de la Nación Argentina). Diretor do *Boletín de Relaciones Internacionales*. (www.relinter.com.ar) E-mail: p.barbini@relinter.com.ar. Diretor de publicação do *Grupo de Reflexión Geopolítica*.

Recebido em 06/05/2005. Selecionado para publicação em 06/06/2005.

Um relatório publicado semanas atrás dava conta de que dentro de 50 anos o Brasil seria uma das principais potências mundiais. Paralelamente, os jornais brasileiros informavam sobre sérios problemas de fome e desnutrição em suas populações indígenas do Sul.

Na hora de pensar um artigo sobre o nosso vizinho do Norte [em relação à Argentina], considerou-se que muito se havia escrito sobre o Brasil como futura potência mundial, e pouco ou nada sobre o seu problema mais importante, que é o da fome, suas causas e conseqüências.

Também se levou em conta que estes problemas não são exclusivos do Brasil, mas também ocorrem dentro de nosso território [Argentina] e às vezes o negamos.

Por isso, e para conhecê-lo melhor, foi eleito o tema que menos importou à imprensa, porém o mais necessário de se conhecer a fundo.

Fome na Meca do Agronegócio

Parece paradoxal pensar que o aumento das terras cultivadas com soja seja um dos principais fatores que influenciaram no aumento dos índices de desnutrição e morte infantil no estado do Mato Grosso do Sul.

Ali estão situadas as reservas guaranis do município de “Dourados”, próximas às fronteiras com Bolívia e Paraguai.

O que chama atenção é que estas aldeias expostas à desnutrição estão rodeadas por um pólo agropecuário em constante crescimento. De fato, esta espécie de “Somália brasileira” está encravada em uma das regiões mais ricas do país, cujo ápice se alcançou nos últimos anos graças ao crescimento dos rendimentos das plantações de soja e às exportações de carne e trigo. Realmente, no Brasil, o Mato Grosso do Sul é conhecido como a “Meca do agronegócio”.

De acordo com os antropólogos e historiadores que trabalham nessa área, a desnutrição que ali impera é conseqüência do roubo e da destruição dos territórios indígenas logo que se chegou a colonização branca.

O primeiro fator que transformou os hábitos dos nativos foi a chegada do progresso, e posteriormente o desenvolvimento da monocultura.

A “colonização branca” na região começou logo depois de terminada a guerra do Paraguai. Naquele momento, o governo cedeu terras às empresas para o cultivo e a exploração da erva-mate.

Na década de 60, com o auge da lucratividade, arrasou-se com a floresta e as tribos indígenas tiveram que mudar seus costumes e meios de vida. Posteriormente, com a intenção de maximizar o aproveitamento destes territórios, foram remanejados e levados a reservas especialmente criadas por um plano do governo. Tentava-se, desta maneira, mantê-los isolados e, na medida do possível, tão ocultos como estavam antes da Guerra do Paraguai.

Porém, desde dezembro do ano passado, quando o órgão oficial responsável pela saúde indígena denunciou o aumento de mortes infantis por desnutrição, este povo saiu do esquecimento.

Na verdade, a denúncia veio à tona devido aos atrasos nos salários das equipes de saúde local. Foi então quando a imprensa teve acesso ao local afetado, gerando comoção na população e, conseqüentemente, os funcionários atuaram com seu tradicional assistencialismo.

O governo se mobilizou criando forças especiais (médicos, nutricionistas, assistentes sociais e até o exército chegou ao local) para a intervenção direta na região, entretanto, calcula-se que as mortes por desnutrição não vão cessar de ocorrer em curto prazo.

Apesar de repercussão que teve esta notícia a nível nacional, o maior temor das tribos é que, uma vez passada a repercussão do caso, o governo e a sociedade voltem a lhes dar as costas.

Perspectivas

A situação é mais alarmante ainda, se levarmos em conta as previsões a curto prazo.

Atualmente, a reserva conta com 3.540 hectares e está habitada por 10.000 indígenas. O crescimento demográfico é de 400 pessoas por ano. Calcula-se que, para que pudessem se auto-sustentar naquelas terras arrasadas pela superexploração dos solos, seriam necessários cerca de 500.000 hectares.

No presente, em Dourados, 290 crianças sofrem de desnutrição aguda, 50% de seus habitantes têm menos de 18 anos e as perspectivas de emprego são preocupantes.

Somente neste ano já foram confirmadas 17 mortes, e os índices de mortalidade infantil vêm aumentando de forma alarmante nos últimos anos.

Nas cidades próximas às reservas houve certa ambigüidade na atitude da população. O sentimento geral foi de surpresa, e não de sensibilização. Por outro lado, observaram-se sentimentos de hostilidade em relação às tribos, cujos habitantes foram acusados de vagabundos e preguiçosos.

A falta de comida é somente um dos problemas desta população de índios. Os moradores das aldeias indígenas se encontram sem trabalho, com terras esgotadas, esquecidos pelo Estado e sujeitos a incontáveis prejuízos. A solução para os seus problemas econômicos surge muitas vezes pela venda de drogas, pela prostituição ou pelo ato de cometer delitos. Assim mesmo, os indígenas tendem a resignar-se e refugiar-se no alcoolismo e, em muitos casos, terminam se suicidando (média de 28 suicídios por ano).

Alguns outros, diante da necessidade de dinheiro, alugam suas poucas terras a produtores de soja cuja rentabilidade é enorme, visto que não pagam impostos.

O prejuízo para os indígenas é altíssimo, já que são proibidos de trabalhar por salário para estes produtores.

Finalmente, terminam trabalhando nas plantações de cana, longe de suas casas, em condições subumanas e por períodos de tempo muito extensos, abandonando suas famílias e engrossando os cordões de miséria das cidades.

Tudo isto aumenta consideravelmente o círculo que envolve os habitantes de Dourados em uma espiral de prejuízos que parece não ter fim.

Uma resposta rápida e certa

Em grupos populacionais com baixo poder aquisitivo, o consumo insuficiente de alimentos está acompanhado por fatores ambientais adversos (condições precárias de habitação e higiene). Estas populações apresentam maior predisposição a contrair enfermidades e problemas de saúde.

Por desnutrição se entende a baixa quantidade ou qualidade de alimentos associada com a aparição de infecções que causam a morte por diarreia, parasitas, malária, desidratação, pneumonia e outras infecções. Desta maneira, para curar a desnutrição não basta unicamente dar alimentos, mas é preciso também curar as infecções e evitar outras novas.

Evidentemente, a ação do governo, que enviou caixas de comida para evitar o aumento das mortes, neste caso não é o mais adequado, já que só isso não resolve o problema dos habitantes das tribos, nem evita o aumento da desnutrição.

A política de assistencialismo também faz com que, ao receber a comida na mão, a longo prazo os assistidos deixem de produzir seu próprio alimento, diminuindo não só suas plantações, mas também sua capacidade de produção e manutenção.

De forma contrária, os *experts* no assunto sugerem que é necessária uma política intensa de saúde e educação para evitar a aparição de novas infecções e também a implementação de políticas públicas de apoio ao planejamento da produção agropecuária nas escassas terras que as possuem os indígenas.

Porém, como temos visto, o sistema de saúde no Brasil, assim como em quase toda a América do Sul, sofre de severas distorções que o estão levando a preocupar-se somente com a cura, e não com a prevenção.

O fracasso e a cumplicidade de sucessivos sistemas políticos e econômicos ao longo da história, contribuíram para que no ano de 2005 (e por muitos anos mais) se siga falando de desnutrição.

O Brasil não é o único país que sofre com este tipo de situação. Segundo as Nações Unidas, 5 milhões de crianças morrem anualmente porque não têm o que comer. A média de mortalidade por fome equivale a 9 “World Trade Centers” por dia. A frieza desses números carece do sofrimento de quem não tem o que comer nem o que dar de comer.

Apesar da palavra “pan” significar “todo/todos”, isto não consegue chegar a muitos seres humanos, que no ano 2005 seguem morrendo por não dispor da mais básica das necessidades.

Hoje em dia, quase 9% dos menores de 5 anos na América Latina estão desnutridos.

Queremos aqui deixar claro que a desnutrição não é um problema alheio, já que em nosso país [Argentina] também existe e é necessário conhecê-lo e saber como preveni-lo.

Fica somente a necessidade de reflexão sobre que tipo de potência queremos que seja o Brasil dentro de 50 anos.

Espera-se que esta região do mundo preserve a igualdade e controle a péssima distribuição de renda. Quem sabe seja esta uma das principais causas da desnutrição infantil e de muitos de nossos problemas.

Enfim, esperamos que os crescimentos macroeconômicos não aconteçam às custas da fome dos homens.

Bibliografia

Jornal do Brasil On line, "É fácil botar a culpa no índio" .Entrevista a Zelik Trajber por Daniela Dariano. 13/03/05.

Jornal O Globo: "Cerca de um terço dos índios vive em regiões de conflito", 06/03/2005.

Jornal O Globo "As aldeias de fome cercadas de riqueza", 06/03/2005.

Jornal do Brasil , "Falta de saneamento ameaça índios em Mato Grosso do Sul", artigo de Hugo Marques, 20/04/05.

Artículo: "Fome é consequência da falta de terras" de Priscila Carvalho, Para Noticias para America Latina y el Caribe. <http://www.adital.com.br/site/noticias/15656.asp?lang=PT&cod=15656>.

(SETASS) Secretaria de Estado de Trabalho, Assistência Social e Economía Solidaria, Gobierno de Brasil. Projeto Fome Zero em comunidades Indígenas de Mato Grosso do Sul.

(SETASS) Secretaria de Estado de Trabalho, Assistência Social e Economía Solidaria, Gobierno de Brasil. Fomme Zero Indígena